



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12877 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

POESIA-CURRÍCULO-CURRÍCULO-POESIA

Sulamita Inácio Freire - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

POESIA-CURRÍCULO-CURRÍCULO-POESIA [\[1\]](#)

Resumo: Este trabalho surge como repercussão de uma pesquisa acerca da percepção da teoria curricular como gesto poético. Tal proposição coloca-se por meio de uma experimentação metodológica na escritura própria do texto, que o abre a possibilidades outras para além de um texto acadêmico. Em seu desenvolvimento, busca uma reflexão sobre a relação entre *hospitalidade incondicional* (DERRIDA & DUFOURMANTELLE, 2003) e a possibilidade de pensar um currículo que emerge no abraço àquilo que foge e abala. O currículo, por meio desse movimento, legitima-se, então, enquanto um acontecimento impossível-possível (DERRIDA, 2012), passível de invenção.

Palavras-chave: currículo, poesia, hospitalidade, diferença, acontecimento.

A unicidade do poema tem essa condição. Você precisa celebrar, deve comemorar a amnésia, a selvageria, até mesmo a burrice do "de cor": o ouriço. Ele se cega. Enrolado em bola, eriçado de espinhos, vulnerável e perigoso, calculista e inadaptado (pondo-se em bola, sentindo o perigo na estrada, ele expõe-se ao acidente). Não há poema sem acidente, não há poema que não se abra como uma ferida, mas que não abra ferida também. (DERRIDA, 1992, p. 115).

Este trabalho, tal qual um poema para Derrida, coloca-se como um ouriço que se expõe aos perigos do caminho. Ele não acontece sem acidente, sem o encontro entre essa que escreve e, você, quem o lê. Ele só é possível a partir do aceite ao convite para lê-lo, tecendo-o, ferindo-o e permitindo ferir-se em um movimento de trocas contínuo e imprevisível. Uma vez aceito o convite, é preciso permitir-se a precipitação no encontro. É preciso também

desprender-se de categorizações restritivas do que se entende por texto acadêmico. É um texto acadêmico, mas também pode ser poesia ou algo que ainda não se pode nomear. Por que não? Sem espaço para ser para além das margens previamente delimitadas, tudo aquilo que foge pode ser negado, coloca-se como algo a ser ocultado, apagado, anulado. A recusa à categorização coloca-se aí: no desejo de que as palavras aqui organizadas tomem a (des)forma que puderem tomar, levando-nos, eu e você, a caminhos (quem sabe?) desconhecidos. Não que os limites impeçam esse movimento, mas eles podem vir a estabelecer o que é legítimo e o que não é. E, ao questionar categorizações, num movimento desconstrutivo, recuso-me a dualidade “é isto ou aquilo” e entendo como possibilidade legítima o entremeio.

Posto isso, como uma fissura que surge em uma parede pretensamente uniforme, esse texto rasga o branco da página e desloca a pensar a teoria curricular sob uma *hipótese de vista* (DERRIDA, 2010) outra que não a centralidade na questão “ensino-aprendizagem”. Não por desconsiderar a sua importância, mas por entender, como sinaliza Macedo (2012), que currículo e ensino não podem ser reduzidos somente a isso, uma vez que “não há como se criar métodos ou modelos para garantir a relação intersubjetiva que caracteriza a educação e permite o sujeito surgir.” (MACEDO, 2012, p.734).

Pretende-se, então, pensar currículo a partir da percepção da teoria curricular como ato poético que se dá no percurso, um percurso que acontece no acidente, delineia-se nas rachaduras.

Mas, antes, é preciso dizer sim...

No livro “Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade”, Dufourmantelle abre suas reflexões expondo seu desejo de evocar, nas páginas subsequentes, a hospitalidade poética de Derrida associando-a à “*parte noite*, a parte que num pensamento filosófico não pertence à ordem do dia, do visível e da memória.” (DERRIDA & DUFOURMANTELLE, 2003, P.4). Sua intenção é “aproximar-se de um silêncio em torno do qual o discurso se ordena, e que às vezes o poema descobre, mas que sempre, no próprio movimento da palavra ou da escrita, esquiva-se ao desvendamento.” (DERRIDA & DUFOURMANTELLE, 2003, p.4). A este *silêncio*, à *parte noite* da palavra, a filósofa nomeia *obsessão*. Ainda segundo a pesquisadora, um falsário pode até mesmo mimetizar uma obra de arte, copiando-a de maneira idêntica, mas é impossível que torne “sua a obsessão, aquilo que os obriga a incessantemente voltar ao silêncio no qual estão seladas as primeiras impressões.” (DERRIDA & DUFOURMANTELLE, 2003, p.4). É no encontro da obsessão com a matéria que se dá a obra de arte, o poema, a criação. Esse encontro, movimento, é irreproduzível, incapturável, e só se realiza por meio da hospitalidade aquilo que vem na e com a diferença. Desta maneira, talvez seja possível dizer que pensar currículo como ato poético é pensar currículo como hospitalidade ao que vem. É dizer:

sim ao que chega, antes de toda determinação, ante de toda identificação, quer se trate ou não de um estrangeiro, de um imigrado, de um convidado ou de um visitante inesperado, quer o que chega seja ou não um cidadão de um outro país, um ser humano, animal ou divino, um vivo ou um morto, masculino ou feminino. (DERRIDA & DUFOURMANTELLE, 2003, p.69).

Uma abertura incondicional e impossível ao outro não nomeável, incalculável (DERRIDA,1989), deslocando o foco do método, do conhecimento, do resultado, para a potência do encontro, para a obsessão, para o movimento, para aquilo que abala, subverte e provoca novas elucubrações e que muitas vezes, ainda hoje, não é acolhido e compreendido como currículo, por exemplo, por políticas recentes. Aquilo que Elizabeth Macedo, no texto “Currículo no portão da escola”, nomeia como *tantas-coisas* (MACEDO, 2017, p.20) e que todos nós sabemos que existe, que está lá e que é impossível não estar uma vez que escola é relação e se dá em relação, mas que muitas vezes ironicamente some quando fala-se sobre currículo.

Aquilo que abala e obseda como caminho

Encantada por frestas e o que delas nasce, a artista visual e professora Laura Lydia realizou entre os anos 2010 e 2016 um projeto artístico chamado “Ervas SP”^[2]. Nesse projeto, Lydia pôs-se a mapear a cidade de São Paulo a partir da investigação e catalogação das ervas daninhas que surgiam em meio ao pavimento urbano. Após a identificação das plantas, a artista realizava intervenções em pintura ao lado de cada espécie encontrada, destacando a vida que teimava em surgir mesmo onde não era desejada. Sua ação tinha como proposta deslocar o olhar do transeunte do concreto para as pequenas fissuras que dele surgiam e, nelas, para as pequenas plantinhas que abrigavam. O todo deixava, desta maneira, de ser visualizado como uma massa cinzenta e podia ser percebido pelas e nas diferenças que abrigava. Ao discorrer sobre seu trabalho em uma entrevista concedida ao canal *Curta!*, no ano de 2015^[3], Lydia conta que o cerne da sua pesquisa artística recai sobre a busca por manifestações naturais que ocorrem em centros urbanos. A artista compartilha que as ervas daninhas foram as primeiras manifestações que chamaram sua atenção, mobilizando seu olhar artístico e investigativo para possíveis relações entre a “natureza urbana” e a “natureza não construída”. Lydia faz questão de enfatizar que a “natureza urbana” é também “natureza”, ampliando as possibilidades de compreensão do termo e problematizando a relação entre planta X concreto, vida X cidade, para além de análises dicotômicas. A artista busca relação, encontro, e entende a fissura como ponte entre o orgânico e o inorgânico, constituindo um sistema de referências emaranhado por diferenças.

Lydia nos impele a perceber a cidade para além de um conjunto de prédios e ruas de concreto, convidando-nos a olhá-la pelas rachaduras, pela vida que nelas se impõe de maneira

silenciosa, mas insistente. A artista convoca nosso olhar para aquilo que incomoda, perturba, denuncia a fragilidade das estruturas: a rachadura no concreto. Há em seu trabalho ainda uma outra nuance valiosa para nossas próximas reflexões: pensar comunidade, coletividade, como um conjunto de diferenças que negociam continuamente, coexistindo em relação de interdependência. Pensar o todo pelas diferenças que o compõe e simultaneamente o decompõe num movimento contínuo de negociação amplia as possibilidades de percepção desse todo, complexificando-o, admitindo nele espaço para o que abala, para o surgimento do novo, para criação, invenção. O todo deixa de ser percebido como homogêneo, imutável, e passa a abrigar em si espaço para um outro todo outro.

No texto “El tiempo de la especie y otras especies de tiempo. Anarqueologías del presente” (2020) , Juliana Merçon sugere um breve exercício anarqueológico ou de “não história do pensamento” ou, ainda, de “estudo do infundado, do inautêntico e do desgovernado” para invenção de outros tempos que, acredito, pode contribuir para nossas reflexões. O exercício compõe-se por 4 etapas. Na etapa 1, Merçon propõe que não admitamos a existência à priori das coisas, que imaginemos que aquilo que é concebido como universal não exista, que questionemos conceitos tais como “natureza” e “cultura” evitando pensar que já sabemos do que se tratam. A pesquisadora argumenta que tornar a natureza, por exemplo, um fenômeno menos auto-evidente pode contribuir para o surgimento de outros tipos de experiências, outras maneiras de compreender e pensar a natureza que não de maneira cientificista ou com a qual estamos acostumados. Na etapa 2, há um questionamento direto à dicotomia natureza X cultura. Merçon propõe um movimento de desnaturalização e culturalização da natureza. Por meio desse movimento, a pesquisadora questiona visões universalistas de natureza propagadas pela globalização e pelo capitalismo e coloca-nos a pensar que “La naturaleza desnaturalizada tiene diversos rostros culturales. Algunos de ellos unen a los humanos y a los no humanos, así como a los humanos y el lugar.” (MERÇON, 2020, p.30). Na etapa 3, sugere-se a naturalização da cultura, reintroduzindo os humanos na comunidade inumana, reconhecendo, assim, interconexões inevitáveis e gerando novas possibilidades de pensar relações e comunidades. Por fim, na 4ª e última etapa, propõe-se abrir espaço para que pensemos uma educação ecopolítica. Ecologizar a educação implicaria em um exercício de alguma forma de consciência da relacionalidade que nos constitui assim como constitui a tudo que existe.

O exercício, associado ao que vimos discutindo, permite-nos pensar que, talvez, um currículo poético que se tece no acidente, deixa-se abalar, é um currículo que não se reduz a um formato universal e que acontece na interrelação humana e inumana. Esse enfoque pressupõe imaginar a escola como um espaço em que o que há de mais valioso não é o que se aprende para uma prova ou o que se aprende a decorar, mas os encontros e desencontros entre as subjetividades ali presentes, entre os corpos, as coisas e o lugar. Um currículo poético pressupõe entender a escola como uma comunidade que se torna comunidade no desejo de permitir o outro ser o outro, sem delimitá-lo, sem formatá-lo. É um currículo que caminha no sentido de olhar os aspectos éticos,

[...] que não apenas confessa o desejo de viver, como também reconhece que desejar a vida significa desejar a vida para você, um desejo que implica produzir as condições políticas de vida que permitirão alianças regeneradas que não têm forma final, em que o corpo e os corpos, em sua precariedade e em sua promessa, mesmo no que se poderia chamar de sua ética, incitam-se uns aos outros a viver. (BUTLER, 2021, 127).

O currículo poético como uma impossibilidade-possível

Iniciei esse trabalho abrindo-o como uma fissura no branco de uma página. Uma ponte entre o *silêncio*, eu, você e o instante da leitura que por si só é um espectro da experiência mesma, uma vez que “A coisa mesma sempre escapa” (DERRIDA, 1994a, p. 117). Isso que não se pode capturar, que não posso nomear, mas que abala e deixa rastros, afetando-nos intersubjetivamente, é o que permite o poético emergir. Esse espaço é o que permite uma impossibilidade se tornar possível. E a impossibilidade torna-se possível no acontecimento mesmo da impossibilidade. Não é possível projetá-la, arquitetar métodos para alcançá-la, prevê-la ou capturá-la. A “[...] experiência do impossível condiciona a acontecimentalidade do acontecimento. O que chega, como acontecimento, não deve chegar senão ali onde é impossível. Se era possível, se era previsível, é que aquilo não chega.” (DERRIDA, 2012, p. 241). Mas para que quando chegue seja reconhecido e legitimado, é preciso antes dizer *sim*. É preciso abrir-se àquilo que chega em um lugar que não se abriria.

Talvez possamos, então, dizer que o currículo como gesto poético pressupõe uma *hospitalidade incondicional* (DERRIDA & DUFOURMANTELLE, 2003) ao outro todo outro que chega, à imprevisibilidade. Um currículo que afeta ao permite-se afetar, abrindo espaço para encontrar-se com o que abala. Um currículo possível no abraço à sua própria impossibilidade e diante dela impossível de nomear, traduzir ou capturar. Um currículo que não se esquiva dos desafios, respondendo-os ética e responsivamente e que, assim como esse texto, (des)constrói-se e acontece no acidente, delinea-se nas rachaduras e na abertura ao que delas emerge.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Os sentidos do sujeito**. 1.ed. - Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

Curta! Com Laura Lydia - Ervas SP | Curta!, 2015. Disponível em: [Curta! Com Laura Lydia - Ervas SP | Curta!](#) Acesso em: 02/2023.

DERRIDA, Jacques. **A voz e o fenômeno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994a.

DERRIDA, Jacques. **Memórias de Cego: O auto-retrato e outras ruínas**. Tradução: Fernanda Bernardo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

- DERRIDA, Jacques. **O que é poesia?** In: Points de Suspension. Paris: Galilée, 1992, p. 303-308. Tradução: Tatiana Rios e Marcos Siscar.
- DERRIDA, Jacques. **Psyche: inventions of the Other.** In: WATERS, L.; GODZICH, W. (eds). Reading de man reading. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1989.
- DERRIDA, Jacques. **Uma certa possibilidade impossível de dizer o acontecimento.** Tradução de: Piero Eyben. Revista Cerrados, Brasília, v. 21, n. 33, p.229-251, 2012.
- DERRIDA, Jacques. & Dufourmantelle. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade.** Paris: Calmann-Lévy, 2003.
- MACEDO, Elizabeth. **Currículo e conhecimento: aproximações entre educação e ensino. Cadernos de Pesquisa.** v. 42 n.147 p. 716 - 737 set./dez. 2012.
- MACEDO, Elizabeth. **Currículo no portão da escola.** p.17-43. In: Currículo, sexualidade e ação docente. Orgs.: Elizabeth Macedo; Thiago Ranniery / 1ª ed. – Petrópolis, RJ : DP et Alii, 2017.
- MERÇON, Juliana. **El tiempo de la especie y otras especies de tiempo. Anarqueologías del presente.** In: Interculturalidade, Natureza e Educação. Afetos filosóficos. 1 ed. – Rio de Janeiro: NEFI, 2020 – (Coleção Ensaio; 8).

[1] O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do nível Superior – Brasil (CAPES). Código de Financiamento 001.

[2] As informações sobre Laura Lydíia podem ser encontradas em seu portfólio, disponível em: <https://www.lauralydia.com/>.

[3] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=70mTBXrvJUo>, acesso em: 02/2023.